

“Todos os domingos eles se encontravam, toda a ‘portuguesa’”: práticas culturais e sociabilidades de imigrantes portugueses em Caxias do Sul/RS (1910-1950)

“Every Sunday, they used to meet, all the ‘portuguesa’”: cultural practices and sociabilities of Portuguese immigrants in Caxias do Sul/RS (1910-1950)

Luiza Ebert de Oliveira,¹ UDESC

Resumo

Este artigo visa identificar do que se constituem as camadas de memória deixadas pela imigração portuguesa em Caxias do Sul/RS entre as décadas de 1910 a 1950. Problematisa-se que há uma narrativa consolidada na cidade que parte do ponto de vista dos imigrantes italianos e seus descendentes, sem dar muita atenção para os demais grupos que participaram na formação da cidade. A presença portuguesa é evidenciada neste artigo através de jornais e entrevistas, com vistas a mapear práticas culturais e sociabilidades do grupo. Considera-se que a memória tem uma função decisiva na existência e interfere nas representações no presente.

Palavras-chave: Caxias do Sul; imigração portuguesa; sociabilidades; memória.

Abstract

This article aims to identify what the layers of memory left by the Portuguese immigration in Caxias do Sul/RS between the decades of 1910 to 1950 are constituted of. It is problematized that there is a consolidated narrative in the city from the point of view of the Italian immigrants and their descendants, without too much attention given to other groups that took part in the formation of the city. The Portuguese presence is evidenced in this article through newspapers and interviews, with the objective to chart the group’s cultural practices and sociabilities. It is considered that the memory has a decisive function in existence and it interferes in present representations.

Keywords: Caxias do Sul; Portuguese immigration; sociabilities; memory.

Introdução

A cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, é amplamente conhecida por sua colonização italiana. Houve nesta cidade um processo de valorização do chamado sentimento de italianidade,² principalmente nas décadas de 1970 e 1980, cujos agentes foram empresários

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de pesquisa de Culturas Políticas e Sociabilidades.

² Truzzi, em estudo sobre a italianidade no interior paulista (2016), afirma que a identidade étnica é uma fronteira social interposta entre um determinado grupo e “os outros”. No caso dos imigrantes italianos, o sentimento de italianidade foi um produto da própria imigração, ou seja, construída no Brasil, visto que a unificação da Itália ocorreu mais tarde. Para Truzzi, as construções sociais sobre o italiano, positivas ou não, partem de interessados na (in)visibilidade e na (des)valorização da italianidade. Um grupo importante desses agentes são os próprios imigrantes e seus descendentes, que selecionam conteúdos para a construção da memória. Ainda segundo o autor, a afirmação de uma identidade étnica não depende somente da agência de indivíduos ou de grupos, mas também de processos estruturais que oferecem conteúdos identitários. O que fomentou a formação dessa identidade, no caso dos italianos, foram as relações de alteridade na terra de destino, fazendo com que surgisse um sentimento agregador de italianidade nascido, primeiramente, no Brasil.

e intelectuais do campo acadêmico, cultural, empresarial, entre outros, num contexto de comemorações do centenário da imigração (MOCELLIN, 2008). A mesma autora identifica três fatores que contribuíram para processo de valorização da italianidade: a constituição de um campo específico de conhecimento sobre a temática da imigração italiana; a atuação conjunta de empresários e intelectuais nas políticas de ações culturais e de desenvolvimento regional e o processo de modernização da economia local e as representações simbólicas associadas a tal processo (MOCELLIN, 2008, p. 188).

Esta característica do sentimento de italianidade, que é basilar de uma memória coletiva de Caxias do Sul, então, tem sido elaborada pelo que Traverso chama de “turismo da memória”:

Institucionalizado, ordenado en los museos, transformado en espectáculo, ritualizado, reificado, el recuerdo del pasado se transforma en memoria colectiva una vez que ha sido seleccionado y reinterpretado según las sensibilidades culturales, las interrogaciones éticas y las conveniencias políticas del presente (TRAVERSO, 2007, p. 67-68).³

Tais constatações permitem perceber que a visibilidade e o reconhecimento da memória, ou das memórias, dependem da força — simbólica, política, social, intelectual, institucional, etc. — de seus portadores. Utilizar a ideia de memórias “fortes” e “fracas” de Traverso (2007) é proveitoso neste estudo no passo em que a narrativa que se sustenta no passado dos italianos encontra mais força do que a dos portugueses ou quaisquer outros grupos. Isso é refletido na historiografia — quanto mais força tem uma memória, mais ela é suscetível de ser transformada em história, não numa situação de apenas causa e efeito, mas sim definida por diferentes contextos e múltiplas mediações possíveis em seu tempo.

Há, portanto, um uso político do passado, pois o resultado desse processo de valorização da imigração italiana na cidade foi, de uma forma mais ampla, a identificação dos descendentes de imigrantes italianos com a produção escrita sobre o tema, mas também a produção de representações simbólicas sobre a italianidade (MOCELLIN, 2008).

Para Bosi (2003, p. 31), as memórias “são configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”. Assim, uma memória se produz dentro de um grupo ou segmento social, mas encontra um poder de difusão que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe, e cabe à historiadora

³ Institucionalizado, organizado nos museus, transformado em espetáculo, ritualizado, reificado, a recordação do passado se transforma em memória coletiva uma vez que tenha sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente. (Tradução nossa).

interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Tanto o som quanto o silêncio; tanto as vozes que escutamos quanto aquelas que emudeceram.

Diante da problematização inicial houve a motivação para mapear algumas práticas sociais e culturais de outro grupo na cidade entre 1910 e 1950: os e as imigrantes portugueses.⁴ Há um número inferior de produções acadêmicas sobre a presença lusitana em Caxias do Sul, especialmente se comparado com as produções sobre a italiana. Para tal empreendimento, as fontes utilizadas para este artigo são entrevistas realizadas pela equipe do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul, que envolvem portugueses(as) e seus descendentes em temporalidades diversas. Também foram utilizados jornais disponíveis no sítio eletrônico do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.⁵ Assim, o sentido do passado permitirá outras abordagens a partir da visibilidade dada, no presente, a memórias até então subterrâneas.

Levando em consideração o que afirma Bosi (2003, p. 36), a memória “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Tal força subjetiva tem uma função de extrema importância na existência dos sujeitos, pois ela traz uma versão do passado a partir de demandas do presente, fazendo com que ambas temporalidades interajam, interferindo nas representações atuais. A existência de uma comunidade portuguesa na cidade contradiz a carência de pesquisas específicas para a construção de um quadro mais abrangente da formação histórica da cidade. Mas como o lembrado e o esquecido são resultados de uma escolha do presente, consoante à análise da citada autora, os segmentos sociais mais influentes deixam suas marcas na representação coletiva da cidade.

É perceptível, portanto, a existência do que Traverso (2007) chama de memórias “fortes” e memórias “fracas”. Segundo o autor, da interação permanente entre história e memória deriva uma relação privilegiada entre as memórias “fortes” e a escrita da história: “cuanto más fuerte es la memoria — en términos de reconocimiento público e institucional —, el pasado del cual ésta es un vector se torna más susceptible de ser explorado y transformado en historia.” (TRAVERSO, 2007, p. 88).⁶

Contando com o não esquecimento, é possível criar possibilidades de comunicação e gerir a memória de uma maneira que ela se torne mais inclusiva a todos e todas, fazendo

⁴ O estudo deste artigo integra parte da dissertação de mestrado da autora (em andamento).

⁵ Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/>>.

⁶ Quanto mais forte é a memória — em termos de reconhecimento público e institucional —, o passado do qual esta é um vetor se torna mais suscetível de ser explorado e transformado em história (TRAVERSO, 2007, p. 88, tradução nossa).

emergir o que Pollak chamou de memórias subterrâneas: são aquelas que aparecem quando há uma clivagem entre a memória dominante e a memória de grupos minoritários, opostos à sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 5). A cidade carrega camadas de memória que sempre se interseccionam, numa dinâmica que resulta em uma nova cidade. Nesse contexto os grupos de imigrantes “são obrigados, pela necessidade objetiva da sobrevivência, a conviver, se mover e produzir suas próprias marcas, que se traduzem em âncoras de uma nova [ou outra] memória, tanto para o grupo quanto para a cidade” (MARTINS; CORTE, 2009, p. 119). Vejamos, a seguir, algumas delas.

Presenças portuguesas em Caxias do Sul/RS

Quer dizer, Caxias é injusta comigo né? [...] é a história de Caxias que é injusta comigo. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries, grifo nosso).

A imigração portuguesa para o sul do Brasil é um tema que tem sido pouco estudado se comparado a outras etnias, de acordo com Villas Bôas e Padilla (2007). As autoras citam quatro fatores que podem ter contribuído para tal realidade: questões raciais embasadas na ideologia do branqueamento; movimento migratório português ter ocorrido de forma independente, dispersa e não organizada por entidades oficiais; presença de outros grupos étnicos na região cuja herança cultural recebeu mais atenção; e a língua em comum que facilitou a inserção dos portugueses na sociedade de destino.

Caxias do Sul, como cidade, tem se demonstrado um organismo vivo, em constante transformação e, ao mesmo tempo, um registro de si mesma, das marcas de seu passado. Como afirmam Martins e Corte (2009), o estudo sobre a construção de processos identitários está diretamente relacionado às formas pelas quais os grupos se territorializam e às marcas que imprimem na cena local: seja por meio de nichos econômicos, formas de morar, organizações associativas, discursos de diferenciação ou de rejeição da etnicidade.

Os portugueses também deixaram seus registros na cidade de Caxias do Sul: os primeiros imigrantes portugueses começaram a chegar em 1910 para trabalhar nas vinícolas locais. Em decorrência disso, foram formando uma comunidade lusa cada vez mais expressiva, a tal ponto que a região da cidade onde mais se concentravam ficou conhecida como Bairro Lusitano. Em um segundo momento a imigração mudou suas características: começam a chegar portugueses não para trabalhar nas vinícolas, mas sim na construção civil, como pedreiros e projetistas. Sobre este último grupo ainda não há tanta produção acadêmica

quanta sobre o anterior, mas foi possível detectar sua presença nas entrevistas feitas pela equipe do AHMJSA.

A Cantina Luiz Antunes & Cia. foi a que mais empregou trabalhadores lusos, principalmente nas tanoarias.⁷ Sendo a vitivinicultura uma das atividades econômicas mais expressivas da região, as cantinas precisavam acondicionar e transportar o vinho em recipientes adequados para manter a qualidade do produto. Para isso, era necessária uma mão-de-obra especializada na manufatura dos barris, entrando em cena os tanoeiros: “em toda a região nordeste do RS muitos imigrantes, italianos, destacaram-se nesse ofício. Em Caxias, porém, na mesma região em que a Cantina Antunes se estabeleceu, formou-se um grupo de tanoeiros portugueses” (MACHADO, 1999, p. 11) que ficou conhecida como Bairro Lusitano. Desta forma, a partir de 1910 outros portugueses começaram a imigrar para Caxias do Sul e, pouco a pouco, foram formando uma comunidade.

A chamada para o trabalho era feita pelos próprios portugueses que já estavam empregados e iam se instalando no local. Muitos eram solteiros, e outros, embora já tivessem formado família em Portugal, migravam sozinhos. No entanto, todos migravam com “plena capacidade produtiva, majoritariamente especializados na técnica da tanoagem [...] Tal fato permitia sua imediata absorção nas engrenagens da economia vitivinícola que tomava impulso” (FAVARO, 2002, p. 267). O Bairro Lusitano ganhou mais força em 1919, com a implantação da Adega São Luiz, parte do empreendimento da Luiz Antunes & Cia. A partir dali, foram construídos, além da adega, armazéns, escola para os filhos dos funcionários, capela, entre outros (MACHADO, 2001).

A comunidade portuguesa desenvolveu, nas primeiras décadas do século XX, uma expressiva atividade societária: de um lado, havia um sistema de alojamento dos recém chegados nas casas dos já instalados, ou mesmo em pensionatos comandados por mulheres portuguesas; de outro lado, havia a abertura de frentes de trabalho para os que estavam em Portugal aguardando uma oportunidade (FAVARO, 2002, p. 268). Segundo a mesma autora, na década de 1920 o número de imigrantes portugueses em Caxias do Sul girava em torno de 300 a 500, de acordo com informantes que não foram especificados. Nessa década, a estimativa da população total da cidade era de 33.773 habitantes, e destes, aproximadamente 7.500 eram urbanos (MACHADO, 2001).

Enquanto boa parte desses portugueses trabalhava nas vinícolas, também houve um contingente expressivo desses imigrantes contratados em São Paulo para a construção da

⁷ Local onde trabalha o tanoeiro, cujo ofício consiste em fazer vasilhames como barris, tonéis, etc.

unidade militar de Caxias do Sul, onde ficaram até 1924, quando a obra foi concluída. Aproximadamente na década de 1940 um outro perfil profissional de imigrante português chegava na cidade, vindos para trabalhar na construção civil, principalmente projetistas e pedreiros. Esta nova leva de imigrantes carece de estudos mais aprofundados.

Em entrevista⁸ concedida à equipe do AHMJSA, o imigrante português Faustino Gonçalves Marrachinho conta que seu pai era pedreiro e chegou em Caxias do Sul por intermédio de um patrício seu, que exercia a mesma profissão e que posteriormente se tornou seu sogro. Segundo ele,

Esse pedreiro que mandou vir o meu pai, era um pedreiro português antigo que era da mesma cidade que nós morávamos, só que ele veio muitos anos antes, mandou buscar o meu pai. O meu pai veio e mandou buscar o meu tio. O meu tio veio e trouxe mais um amigo dele, também amigo nosso da mesma cidade, pra cá. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries).

Marrachinho atuou como projetista e foi autor de desenhos de prédios e casas que ainda hoje estão em pé, algumas mais de 50 anos depois. Ele conta como trabalhou desenhando casas de alto padrão, luxuosas, e também que fez o desenho de um famoso edifício que hoje é o Shopping PrataViera, ponto de referência no centro da cidade.

O mesmo entrevistado considera que o trabalho, principalmente do seu pai, Manoel, era um tanto “artesanal” — as edificações eram construídas com calma e atenção aos detalhes, o que inclusive lhe rendeu o apelido de artista. O entrevistado relata que seu pai ficava nas obras fazendo tudo “com um tremendo capricho, com uma tremenda paciência, ganhando mais prazer do que dinheiro”. Aliás, segundo ele, a maioria desses trabalhadores “morreu pobre”: “[...] eles vieram aqui e só acharam espaço para ter a condição de sobreviver trabalhando com a satisfação que eles tinham de trabalhar. Daí essa capacidade de fazer essas obras que eles fizeram e que estão aí em pé”.

Ainda segundo Marrachinho, “veio uma origem depois italiana, que aprendeu aí com esses portugueses, que mudaram toda a mentalidade da construção em Caxias [...] Então esse pessoal já tinha outra mentalidade, já tinham a mentalidade de empreendedores”. Um momento interessante de sua entrevista, que pode ser uma marcação dessa alegada diferença de mentalidades, é quando ele relata um diálogo que teve uma vez com um amigo seu que era de família italiana:

⁸ Que a partir deste ponto será citada entre aspas.

Como a senhora está vendo, a minha sala biblioteca, discoteca e conjunto completo de som, são mais de 300 discos de música clássica de todos os gêneros e vários volumes de obras dos famosos escritores e romancistas. Na primeira vez que o meu colega Furlin visitou-me, ele comentou: Mas tu gastas dinheiro nestas coisas? Eu “sim, é o meu prazer”. Diz ele: “o meu é comprar terrenos!” (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries)

De acordo com o entrevistado, esses portugueses “sumiram”, pois chegaram em Caxias do Sul já com uma idade relativamente avançada. Mas ficaram as suas inscrições no território, por meio das casas e edifícios que construíram. Em sua fala, isso fica bastante evidente: “Mas a minha participação, como projetista, desenhista do que está aí erguido, tem a minha participação [...] Então onde as minhas netas passam eu digo ‘olha, esse edifício foi o vô quem fez, olha, essa casa foi o vô quem fez’.”

Esta comunidade encontrou uma maneira de manter seus laços por meio de práticas sociais e culturais diversas. A criação de uma associação operária, de um clube de futebol, de uma sede social, entre outras práticas, são representativas dessa sociabilidade tão importante na coesão dos grupos. Porém, como a cidade é um organismo vivo, em constante movimento, pode-se dizer que um deslizamento das camadas de memória “soterrou” aquelas produzidas pelos portugueses. As teses de Campos (2003) e Schütz (2020), definem o termo *deslizamento* ou *deslizante* como algo que não é estanque nem imóvel e, ao mesmo tempo, algo escorregadio e resvaladiço:

Realizar análise deste empreendimento tendo como chão a cidade é sob todas as formas, mesmo que se relute por vezes, admitir que o rizoma social vive fincado em territórios que se fraturam, que deslizam feito placas tectônicas. As diferenças se constituem assim em importantes elementos para não apenas se reconhecer (no sentido de explicar) os deslizamentos, mas sobretudo, num esforço hermenêutico, melhor compreendê-los (no sentido da permissão). (CAMPOS, 2003, p. 207).

As memórias da imigração portuguesa não parecem estar em tanta evidência no discurso oficial *da* e *sobre* a cidade, mas memórias subterrâneas aparecem quando há uma clivagem entre a memória dominante e a memória de grupos minoritários, opostos à sociedade englobante.

Mesmo assim, é possível perceber algumas práticas sociais e culturais da comunidade portuguesa em Caxias do Sul de diferentes formas. Em primeiro lugar, a criação da Associação dos Tanoeiros de Caxias, em 1918. Os tanoeiros se identificavam pela sua origem e pelo seu trabalho em comum. Para Machado (2001, p. 141), “foram os portugueses que organizaram os primeiros movimentos operários de Caxias do Sul, com a criação da

Associação dos Tanoeiros, e lideraram as primeiras tentativas de greves”. O jornal *O Regional*, no dia 6 de fevereiro de 1928, noticiou que

No dia 1º, pela manhã, declararam-se em greve numerosos tanoeiros das diversas cantinas desta cidade [...]. Havendo temores de perturbação da ordem publica dada a exaltação de alguns elementos grevistas, o dr. Celeste Gobbato, intendente municipal, requisitou auxílio ao Governo do Estado [...]. Numerosos grevistas já voltaram ao trabalho, esperando-se que os demais, por estes dias, imitem seus companheiros (GREVE..., 1928, p. 2).

Como afirmam Martins e Corte (2009, p. 118), “falar das identidades e memórias de grupos étnicos é também refletir o espaço em que elas se constituem, se reconfiguram e, finalmente, se movem”. A construção de uma identidade do grupo operário português em questão se movimentou no âmbito urbano, de tal forma que suas práticas se relacionam com as condições subjetivas e objetivas formuladas pelo espaço da cidade. Conforme as autoras,

A cidade e toda a complexidade que envolve a questão urbana não podem ser vistas como mero cenário para o estabelecimento dos grupos étnicos, mas, simultaneamente, como um agente, ora disciplinador, ora desagregador. Disciplinador ao estabelecer regras e limites com os quais os grupos étnicos precisam negociar para garantir sua inserção social e a construção de seus próprios lugares de memória na cena urbana. Desagregador, ao estimular conflitos intergrupos e extragrupos. Para cada uma das facetas da cidade, múltiplas identidades, múltiplas memórias (MARTINS; CORTE, 2009, p. 118).

Em depoimento utilizado no trabalho de Favaro (2002, p. 276) o senhor A. Mano conta que “houve lá um que quis ‘botar’ Associação Portuguesa dos Tanoeiros, uns estavam de acordo, outros [disseram] que a origem [étnica] não tinha nada a ver com aquilo”. Portanto, mesmo que a maioria dos tanoeiros no período fosse portuguesa, é possível afirmar que, para nomear a Associação, o ofício falou mais alto que a nacionalidade — apesar das discordâncias percebidas na fala do entrevistado.

A Associação dos Tanoeiros de Caxias não possuía sede própria. Os associados se reuniam “na casa de um português qualquer”, e os objetos pertencentes à sociedade como livros, mesa e a bandeira ficavam onde encontravam espaço, “enquanto as contribuições dos associados — ‘uma ninharia’ — visavam auxiliar os companheiros em necessidade” (FAVARO, 2002, p. 276).

Muitas vezes a alteridade é um marcador importante na experiência dos grupos. Na ocasião das greves de 1928 e 1930, o operariado ítalo-brasileiro passava a identificar o lusitano com termos depreciativos, como sendo “uma ‘cambada de fora, comunistas e encrenqueiros”” (FAVARO, 2002, p. 279). A autora considera esse fenômeno um dos fatores

que ocasionou a rápida perda do prestígio e da liderança classista que se seguiu aos movimentos grevistas dos tanoeiros.

Atividades de lazer também contribuíram para o estreitamento dos laços da comunidade. Enquanto a parte da população italiana e ítalo-brasileira de Caxias do Sul rivalizava entre duas associações esportivas, o Esporte Clube Juvenil e o Juventude, os portugueses “se organizavam com seu próprio quadro de jogadores: era uma forma de manter a comunidade coesa,⁹ em torno de seus representantes esportivos” (FAVARO, 2002, p. 268), com o Esporte Clube Lusitano.¹⁰ O clube de cores vermelha e verde foi criado pelos portugueses com a finalidade não apenas desportiva e de lazer, mas também como uma maneira de manter a organização do grupo operário durante o Estado de Sítio decretado no país, que impedia os trabalhadores de atuarem livremente nas suas associações (MACHADO, 1999).

De acordo com Favaro (2002), a construção de uma sede social, porém, demorou para acontecer, devido às condições sócio-econômicas do grupo e às longas jornadas de trabalho. O dinheiro para tal era arrecadado em festas e bailes na comunidade, e os jogadores treinavam no campo do aliado Esporte Clube Juvenil. Em junho de 1927 os associados podiam comemorar: estava marcada a festa de inauguração da sede social do Esporte Clube Lusitano. A espera, ao que parece, valeu a pena, conforme relatam os jornais *O Regional* (20/06/1927) (Figura 1) e *O Popular* (25/06/1927) (Figura 2):

Figura 1 — Trecho retirado do jornal “O Regional” sobre a inauguração da sede social do Clube Lusitano

⁹ Apesar de seu estudo tratar da imigração portuguesa para Belém no século XIX — portanto, outro recorte temporal e espacial — Cancela e Guimarães (2018) salientam algo que pode ser atribuído a diversos movimentos migratórios. A coesão de um grupo surge da mobilização de uma imagem de si em contraponto ao Outro: “sentidos de pertença, coesão e identidade são criados, realçando unidades e fronteiras, estabelecendo o diálogo com a sociedade local e seu distanciamento” (CANCELA; GUIMARÃES, 2018, p. 23). Ao mesmo tempo, a dita coesão apresenta fissuras e tensões diante dos diferentes marcadores de classe, gênero, idade e naturalidade, além de que a imigração não é determinada somente por contextos políticos e econômicos dos países de origem ou destino, mas também por escolhas e projetos pessoais e individuais.

¹⁰ Em alguns jornais da época o mesmo clube aparece como Sport Club Lusitano, Sport Club Lusitano, Club Lusitano ou Club Lusitano, entre outros. Devido às divergências da grafia do nome na época, optei por usar neste trabalho Esporte Clube Lusitano, que é como aparece na bibliografia sobre o assunto.



Fonte: **O Regional**: Caxias do Sul, ano 2, n. 25, 20 jun. 1927.

Figura 2 - Trecho retirado do jornal “O Popular” sobre a inauguração da sede social do Clube Lusitano



Fonte: **O Popular**: Caxias do Sul, ano 1, n. 20, 25 jun. 1927.

O fato do edificio ter sido “mandado construir” e de ser classificado como “confortável” demonstra que a sede do Clube Lusitano não era um espaço qualquer, segundo os jornais. Desta forma pode-se observar que o Clube Lusitano tinha um certo prestígio na cidade, a ponto de ter uma festa de inauguração lotada e digna de nota em diversos jornais que

circulavam na cidade na época, contando até com a presença do intendente municipal Celeste Gobbato.

Mas o cenário estabelecido para o final da década de 1920 e início da de 1930 não era mais favorável para os tanoeiros. Com a desmobilização das organizações sindicais não mais por ofício, e sim por indústria, atrelada à industrialização e crescente uso de maquinário no lugar de pessoas, os saberes artesanais dos tanoeiros não se faziam necessários, e o grupo foi se dispersando. O ofício não era mais ensinado para os descendentes lusos e os novos tanoeiros desconheciam as técnicas tradicionais, pois aderiu-se à produção em série. Os novos modos de produção fizeram com que o número de tanoeiros fosse “diminuindo cada vez mais, vendo que não tinham futuro mesmo, procurando outra profissão. Outros, fazendo ‘barriletes’ em casa, outros se aposentaram, a profissão foi desaparecendo, a maioria morreu” (FAVARO, 2002, p. 281).

Outro espaço de sociabilidade que existia entre os portugueses e portuguesas, segundo Marrachinho, era o “boteco da dona Maria”, no centro da cidade:

A dona Maria Guimarães tinha, tinha um armazenzinho [...] os portugueses chegavam de fora, ali era o consulado, era o centro, né? Todos os portugueses iam na missa, só tinha a catedral, se encontravam ali no boteco da dona Maria. [...] Era o consulado, era ali, todos os domingos eles se encontravam, toda a “portuguesa” ali. [...] Então vinha todo mundo da missa e depois da missa todo mundo se encontrava ali. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries.)

Matos (2019), ao estudar o cotidiano de imigrantes, afirma que era comum as famílias aproveitarem o cômodo da frente de suas casas para exercer algum tipo de atividade econômica, como armazéns e botequins. Quem mais frequentemente administrava o negócio eram as mulheres, em rotinas intensas de trabalho. Não raro, os estabelecimentos ficavam conhecidos na cidade pelo nome de suas proprietárias, como é o caso narrado por Marrachinho. Além disso, o boteco da dona Maria Guimarães parece ser tão significativo espaço de encontro e socialização entre os imigrantes portugueses de Caxias do Sul que foi apelidado, pelo menos pelo entrevistado, de consulado. No entanto, até o momento, não foram encontradas mais fontes documentais sobre o local nem sobre a própria Maria Guimarães.

O capital social contou muito na inserção social desses imigrantes em seu destino. Os portugueses desenvolveram sociabilidades em múltiplas direções, não somente dentro de sua própria comunidade — como, por exemplo, casamentos entre portugueses e italianos. Isso tornou a integração menos difícil.

O conceito de sociabilidade teve fácil entrada no vocabulário historiográfico, haja vista sua flexibilidade temporal, espacial e temática, e foi mais difundida sobretudo pelo trabalho do historiador francês Maurice Agulhon. O autor entende sociabilidade não como uma característica — alguém ser ou não sociável — mas como uma maneira de viver em sociedade (AGULHON, 1992). Sobre isso, Schütz explica que

[...] a sociabilidade é uma categoria descritiva, que serve para designar uma atitude dos indivíduos ao vivenciarem relações públicas; mas que não implica, necessariamente, que haja entre as pessoas envolvidas nessas “redes de sociabilidade” uma ligação em forma de associações organizadas, como as corporações e instituições. Como uma definição mais generalizante, que não se refere a um contexto específico, o termo sociabilidade é passível de ser aplicado a fenômenos observados em diferentes tempos e espaços — claro, sempre explicitando com rigor as construções que a noção envolve. (SCHÜTZ, 2020, p. 30).

Sendo assim, a partir da noção de sociabilidade é possível transitar no jogo de escalas entre a vida privada e a vida pública — neste caso, vista como a que se dá nos espaços de socialização (trabalho, bar, igreja, etc.) —, não de forma dicotômica, mas sim costurando entre um registro e outro vivências desses sujeitos históricos.

Mas o que aconteceu com o Bairro Lusitano? O estudo de Klein (1984) aponta para uma “sobreposição étnica” que culminou no apagamento da identidade portuguesa na cidade. Para a autora, com os avanços capitalistas, houve o apelo a uma identidade étnica do capital, que em Caxias do Sul era bem representada pelos italianos. À medida que o êxodo rural aumentava, italianos e ítalo-brasileiros começaram a transformar a paisagem sonora do Bairro Lusitano: tornava-se cada vez mais frequente a comunicação verbal em dialeto italiano. Na mesma medida, traços culturais lusos eram gradativamente substituídos pelos costumes e valores ítalo-brasileiros; algumas mulheres portuguesas se casavam com homens de descendência italiana e incorporavam seus costumes (KLEIN, 1984). Para a mesma autora, é simbólica também a renomeação do Bairro Lusitano para Zona Tronca (sobrenome de um alfaiate italiano, primeiro proprietário das terras que foram vendidas aos portugueses), denotando uma sobreposição étnica. Assim, a autora afirma que a partir da década de 1930 a comunidade portuguesa operária em Caxias do Sul foi perdendo sua coesão; “em contrapartida, a organização social de origem italiana, etnicamente homogeneizada, tornou-se hegemônica” (KLEIN, 1984, p. 12-13).

Considerações finais: camadas de memória e territórios deslizantes

A bibliografia sobre a presença portuguesa na cidade de Caxias do Sul é mais expressiva quando se trata dos tanoeiros, especialmente entre as décadas de 1910 a 1930, e tem maior foco nas relações e condições de trabalho. Falar sobre os imigrantes que vieram para trabalhar na construção civil, bem como as práticas sociais e culturais da comunidade portuguesa no século XX é algo que ainda não foi contemplado pela historiografia local, apesar de haver fontes — estas, também não tão numerosas se comparadas com outras etnias — que apontem para sua existência.

Ao ser perguntado como se sentia sendo imigrante em Caxias do Sul, Marrachinho relata:

Então, por isso que eu te disse, agora ultimamente eles vêm corrigindo isso aí, colocando etnias e etc., dando uma oportunidade de ressaltar essa falha. E é aí que eu me sinto mal como imigrante, é aí. Quer dizer, Caxias é injusta comigo né? [...] Não são os caxienses, que todos me tratam bem, todos têm amizade, *é a história de Caxias que é injusta comigo*, a história. [...] As pessoas que estão na história de Caxias. [...] estou cobrando daqueles que têm a função de descobrir quem construiu essa cidade, que não foi só os italianos. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries, grifo nosso)

Observa-se na fala do entrevistado o que ele espera “daqueles que têm a função de descobrir quem construiu essa cidade”. A percepção demonstrada por Marrachinho de ser injustiçado pela história chama atenção não só para uma narrativa predominante, que já foi mencionada neste artigo, mas também para a função social da historiadora em seu tempo, destacado aqui o de fazer emergir uma visão de mundo, inscrever as memórias diferentes em um conjunto histórico mais amplo. O que parece existir é uma expectativa de se reconhecer no passado e, ao mesmo tempo, ser reconhecido. Joutard (2007, p. 229) utiliza a expressão de “memória modesta” para definir a memória daqueles que devem ser, antes de tudo, convencidos de que são atores da história. Marrachinho, na entrevista, aparenta não precisar de tal convencimento.

As camadas de memória, resultado de diferentes movimentações dos mais distintos grupos, deslizam no presente. Houve momentos onde as marcas produzidas pelos portugueses na cidade caxiense já foram mais expressivas, como foi possível notar a partir das reportagens e depoimentos citados anteriormente. Porém, como uma terra que desliza, outras memórias, de outros grupos, se sedimentaram sobre aquelas marcas, de certa forma soterrando-as. Assim, as chamadas memórias subterrâneas conversam, em certa medida, com a ideia de deslizamentos.

As evidências deixam entrever que “começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações” (BOSI, 2003, p. 36). Numa tentativa de ver de que se constituem as camadas de memória deixadas pelos portugueses no território da cidade, apontei no presente artigo para alguns indícios da existência do grupo.

Referências Bibliográficas

AGULHON, Maurice. La sociabilidad como categoria historica. In: PEREIRA, Teresa (org.). **Formas de sociabilidad en chile 1840-1940**. Santiago: Fundação Mario Góngora, 1992. p.1-10.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMPOS, Émerson César de. **Territórios Deslizantes**: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). Orientador: Maria Bernardete Ramos. 2003. 235 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85311>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

CANCELA, Cristina Donza; GUIMARÃES, Luiz. A. V. Imigração e presença portuguesa em Belém no século XIX: Entre deslocamentos e pertencimentos (Pará-Brasil). **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 31, n. 59, p. 22–35, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/40992>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CENTRO de Memória. Caxias do Sul: Câmara Municipal de Caxias do Sul. [s.d.] Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

CLUB Lusitano. **O Regional**: Caxias do Sul, ano 2, n. 25, 20 jun. 1927. Noticiário. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24286&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

FAVARO, Cleci Eulalia. De Bairro Lusitano a Zona Tronca: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931). **História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 3, p. 263-286, 2002. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5123>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

GREVE parcial de tanoeiros. **O Regional**: Caxias do Sul, ano 3, n. 6, 6 fev. 1928. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24298&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória? **Escritos**: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, [s. l.], ano 1, n. 1, p. 223-235, 2007. Disponível em: <http://casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=346&ID_M=2064>. Acesso em: 9 abr. 2021.

KLEIN, Cleci Eulalia Favaro. **De "Bairro Lusitano" a "Zona Tronca"**: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931). Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz. 1984. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.

- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto. 2008.
- MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade**: Caxias do Sul - 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco. 2001.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (coord.). **Mirante**: Cantina Antunes. Caxias do Sul: Maneco, 1999.
- MARTINS, Ismênia de Lima; CORTE, Andréa Telo da. Imigração, cidade e memória. In: AZEVEDO, Cecília et al, (org.). **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 117-132.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. São Paulo: e-Manuscrito. 3ª ed. 2019.
- MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. **Entrevista**. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries.
- MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede**: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. 2008. 207p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280358>>. Acesso em: 5 jul. 2021.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- SCHÜTZ, Karla Simone Willemann. **Um historiador entre-lugares**: a historiografia catarinense e a trajetória de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2010). Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha. 2020. 266 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/4549/Karla_Simone_Willemann_Schutz_Tese_16139901068386_4549.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- S. C. LUZITANO. **O Popular**: Caxias do Sul, ano 1, n. 20, 25 jun. 1927. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=51725&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- TRAVERSO, Enzo. Historia y memoria. Notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVIN, Florência. **Historia reciente**: perspectivas y desafíos para un campo en construcción. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.67-96.
- TRUZZI, Oswaldo M. S. **Italianidade no interior paulista**: Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016. 137 p.
- VILLAS BÔAS, Maria Xavier; PADILLA, Beatriz. Rumo ao Sul: Emigrantes portugueses no sul do Brasil. In: SOUSA, Fernando de (coord.). **A Emigração Portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007. p. 401-415. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-emigracao-portuguesa-para-o-brasil>. Acesso em: 1 maio 2021.